

Conferência: Desafios da educação e do conhecimento

Felisbela Lopes

Professora Associada com Agregação da Universidade do Minho

Falamos sempre a partir de um lugar que é o nosso. Falo como alguém com uma licenciatura em ensino, que teve uma experiência muito reduzida aos níveis do 2º e 3º ciclos e que trabalha numa universidade há 23 anos onde, em cada ano, se apercebe das virtualidades, mas também das limitações, que fazem parte do nosso sistema de ensino. Vou aqui centrar-me no que corre menos bem para perceber se há modos de ir neutralizando obstáculos.

Poderemos começar pela instabilidade. Instabilidade de programas, ou seja, de conteúdos; instabilidade de avaliações; instabilidade de docentes... É da ordem da mudança que se faz o ensino em Portugal. E isso quase sempre é mau. Porque deixa professores e estudantes à deriva. As escolas que conseguem aqui conquistar a estabilidade possível nas suas estruturas são, à partida, ganhadoras. Pelo menos, aí a comunidade educativa inicia cada ano letivo conhecendo as regras que deve respeitar. E isso não é pouco.

. Precisamos de conteúdos programáticos mais perenes para que os docentes fixem modos eficazes de construir a aprendizagem dos alunos.

. Precisamos de avaliações que permitam uma preparação prévia, contínua, da comunidade escolar. Porque a avaliação faz-se na escola, mas prepara-se também em casa. Os anos letivos não podem, não devem, ser continuamente pontuados por sobressaltos de novas datas de exames ou novos formatos de avaliação.

. Precisamos também de estabilidade na colocação da professores. Do pré-escolar até ao ensino superior, os estudantes não podem ser continuamente surpreendidos por novos docentes que fazem da sala de aula um laboratório de experiências, muitas vezes desastrosas para todos.

Falo-vos aqui de todos os graus de ensino. A começar por aquele em que me situo: o do Ensino Superior. A precisar urgentemente de uma enorme reforma do ensino. Não podemos, nas nossas universidades, ter docentes pressionados por uma avaliação que, acima de tudo, atende à investigação que se faz, pouco valorizando o ensino que se pratica.

Um bom professor, nas universidades, é, acima de tudo, aquele que se evidencia pela investigação que desenvolve, mas para os estudantes um bom professor é aquele que, durante a semana, guarda parte do seu trabalho para preparar aulas, para atender os seus alunos, para fazer avaliações contínuas com os discentes... Esse bom professor, nos dias que correm, é quase um herói. Alguns dirão alguém inconsciente, porque está a despender tempo com aquilo que quase em nada pesará na evolução da sua carreira. É paradoxal. Numa universidade, nós, enquanto professores, estamos ali sobretudo porque existem alunos, mas, na verdade, todos nós sabemos que o nosso valor é calculado em função de outras variáveis.

Todos nós, professores dos vários graus de ensino, sentimos que ainda não foi encontrada uma forma eficaz de avaliação. E era importante que essa fórmula mágica fosse descoberta, porque todo este processo retira-nos do essencial das nossas funções: ensinar a aprender.

Falemos agora de programas curriculares. Não sei falar da pertinência do desenho que é feito em áreas científicas consideradas estruturantes. Nem tão pouco sei falar do equilíbrio que é necessário criar nas diversas áreas disciplinares dentro de um ano letivo. Sei apenas dizer que é preciso acautelar isso com muito cuidado. E, claro, com um permanente acompanhamento daquilo que vai sendo feito. A nível central, mas também descentralizando responsabilidades para que tudo ganhe mais eficácia.

Sei, no entanto, falar-vos daquilo que, nestes mais de 20 anos de ensino numa universidade, vou sentindo como uma grande, colossal, limitação do nosso ensino. Na verdade, posso aqui assinalar duas grandes limitações.

Começo pela enorme falha na preparação dos nossos estudantes ao nível da expressão oral. As nossas escolas não preparam os alunos para se expressarem de forma correta e expedita. Chegados ao Ensino Superior, as provas orais mais parecem calvários, de travessia árdua e temerosa. Fazendo a passagem para o mercado laboral, eis os nossos jovens, e posteriormente os adultos, com dificuldades visíveis para apresentar os seus pontos de vista, para coordenar recursos humanos, para expor dificuldades ou partilhar sucessos...

Falo de um problema de difícil resolução. Porque, antes de tudo, precisamos de professores com grande competência aqui. Ora, as nossas universidades não fazem aí uma formação sólida, consistente, repetitiva. Com treinos permanentes. Porque

também os professores do Ensino Superior não apresentam muitas vezes essas competências. Estamos num dédalo. Que se exige que seja rasgado rapidamente. E devemos olhar para isto como uma grande aposta no ensino, a começar pelo pré-escolar. Porque normalmente quem fala bem, tende a pensar bem. Quem fala bem tem uma enorme vantagem em relação aos seus colegas no mercado laboral que, como nós sabemos, é cada vez mais competitivo. Quem fala bem pode, na verdade, viver melhor, trabalhar melhor, porque é mais capaz de neutralizar as entropias que vai encontrando no seu caminho, tornando mais visível e compreensível aquilo que faz.

Se todos concordarem que a expressão oral deve, de facto, ser parte integrante de todas as áreas e níveis de ensino, há que fazer mudanças. Rapidamente e em força. E para que a base seja sólida, há que reciclar competências de quem está no topo da pirâmide, ou seja, dos professores do ensino superior, principalmente daqueles que formam educadores de infância e professores do ensino básico e secundário. Para que estes possam depois ensinar bem essas competências aos seus estudantes. Trata-se aqui de um enorme desafio cujos resultados demorarão muitos anos a tornarem-se visíveis. Mas valeria a pena encarar isto de frente. Claro que estamos aqui dependentes de uma vontade política, claro que estamos aqui vergados às decisões das universidades que têm autonomia para construir as formações que oferecem... Estamos, na verdade, muito vulneráveis, principalmente daqueles que nem sempre sabem muito bem o que tudo isto significa. Mas como as grandes revoluções podem começar com pequenos ajustamentos, uma escola pode, por si, ir operando algumas mudanças, integrando, por exemplo, em alguns conteúdos curriculares a expressão oral como um dos elementos centrais da aprendizagem. E fazendo isto através de estratégias pedagógicas que levem os estudantes a terem gosto por falar bem. É preciso saber fazer isso: transmitir aos nossos estudantes o gosto por falar bem.

Passemos à segunda lacuna que há muito venho detectando nos ensinamentos básico e secundário. Chegamos à Universidade, os alunos, mesmo aqueles que escolhem as áreas das ciências sociais, mesmo aqueles que se inscrevem num curso de comunicação, não sabem ler a sociedade atual. Ignoram o país e o mundo. Não fazem ideia dos códigos que estruturam este tempo que é o deles. E eu fico sempre ali, no meio da sala, muitas vezes sem saber como responder a jovens que, na véspera de importantes eleições nos Estados Unidos, não sabem identificar quais os candidatos

dos partidos democrata ou republicano ou nada sabem dizer sobre o sistema político português.

Não sei bem identificar onde nasce a culpa de tamanha ignorância e também não é por aí que resolvemos isso, porque a culpa está repartida por todos. Pelos professores do pré-escolar às universidades. Pelas famílias sem tempo para conversar e completamente desencantadas com a vida coletiva. Por este tempo da pressa que é o nosso que nos faz correr em permanência. Por tecnologias que beneficiam uma cultura do *zapping* que nos põe permanentemente em trânsito para outros lugares sem verdadeiramente termos capacidade de permanecer em sítio algum...

De facto, não há uma verdadeira cultura da cidadania. Mas a escola deveria ser o espaço ideal para ela florescer e dar frutos. E isso deve ser feito a partir dos planos curriculares. Os jovens devem percorrer linhas diacrónicas nas diversas áreas disciplinares, mas essas linhas devem sempre trazê-los até à atualidade. A escola deve apresentar, interpretar, problematizar o tempo presente. Os seus atores. Os temas que nos vão estruturando em cada campo social.

Temos de conhecer escritores e as respetivas obras da nossa contemporaneidade. Temos de conhecer as fronteiras atuais e o que elas significam. Temos de conhecer os diversos regimes políticos que se vão instalando em diferentes geografias e as implicações que isso tem para nós. Temos de conhecer os atores sociais com impacto público à escala global. Porque é isso que nos constrói enquanto cidadãos. Porque é isso que permite criar uma cidadania de alta densidade. Porque é isso que nos constitui como pessoas equilibradas e comprometidas com o bem comum.

Esta conferência escolheu também para título o conhecimento e eu não posso naturalmente deixar de falar da ciência que se faz no nosso país. Olhando para as nossas universidades, olhando para os centros de investigação do nosso país. Lugares de excelência e muitas vezes apenas conhecidos *inter pares*.

A ciência que se faz em Portugal não é conhecida. Porque os cientistas não sabem comunicar. Porque os media não se interessam pela ciência. Está aqui a chave deste profundo desconhecimento. É pena. Porque, em determinadas áreas, fazemos investigação de ponta. Somos os melhores. Somos uma referência. E isso deveria ser mais conhecido por parte dos nossos jovens. É verdade que as universidades promovem, ao longo do ano, iniciativas que levam os estudantes para dentro dos seus laboratórios. São experiências extremamente positivas que as escolas deveriam

sempre aproveitar. Mas não é necessário esperar pelas ofertas do Ensino Superior. Uma escola pode solicitar visitas. Não falo aqui de meros passeios pelas instalações. Não. Falo de iniciativas que podem ser antecipadamente preparadas de acordo com objetivos de determinadas áreas disciplinares. Esses são pedidos que, quando feitos com tempo, encontram resposta positiva.

Poderia aqui ainda falar da escassez de financiamento da ciência, de teses e projetos pouco estratégicos para o desenvolvimento do campo científico, da necessidade de intensificar sinergias à escala global. Tudo isto são problemas muito atuais e que deveriam suscitar amplo debate de todos nós. Mas este não é o tempo adequado para vos falar disto. Hoje quero falar-vos do gosto pelo conhecimento que é preciso começar a fomentar desde cedo.

Quando preparava esta comunicação, lembrei-me de um livro que costumo recomendar aos meus alunos da licenciatura de ciências da comunicação. É um livro pequeno, de Juan Luis Cebrian, do grupo espanhol Prisa, intitulado *Cartas a um Jovem Jornalista*. Logo nas primeiras páginas, o autor lembra que os nossos jovens precisam de cultivar a curiosidade. Cito: “Os filósofos chamavam capacidade de assombro e isso implica um amor ao novo, um estar disposto a deixar-se surpreender cada manhã.” Mais à frente, Cebrian escreve: “Perguntas-me se tens vocação... Porque não te perguntas antes se tens garra?” É mesmo isso. É preciso cultivar essa capacidade de assombro, essa vontade contínua de aprender, essa atração permanente pelo conhecimento. É isso que é preciso transmitir aos nossos estudantes, permitindo-lhes também serem jovens felizes. Equilibrados e comprometidos em fazer sempre o melhor. Em cada tarefa. Por mais pequena que seja. As grandes irão chegar. Devagar. E é preciso estar sempre disponível e motivado. Para fazer bem.